DOI: 10.67503/2595-153X.v48n56.764

O divã atravessa a fronteira

The couch crosses the border

KRÜGER, Lucas. *The psychoanalytic couch*: listening perspectives and the poetics of psychoanalysis. London/New York: Routledge, 2026. (eBook).

Márcio Pereira Cabral[*]

Todo analista desenvolve, com o tempo, uma relação íntima e silenciosa com o divã da sua sala de análise. Não é exatamente algo que se aprende na formação, nem costuma aparecer nos relatos clínicos. Vai se constituindo aos poucos, à medida que aquele objeto acumula sessões, pausas, histórias que o analista ouviu e que o divã, de algum modo, sustentou. Há quem fale dele como instrumento de trabalho, parte funcional do *setting* que poderia ser substituída por outra. Para outros, há algo que se aproxima de uma presença, uma parceria com um objeto que sabe mais do que qualquer arquivo clínico poderia registrar. Central e invisível ao mesmo tempo, é sobre ele que a análise acontece, mas nunca para ele. A dupla formada entre analista e divã só se realiza quando um terceiro chega e se deita. Sem o analisante, é uma mobília. Com ele, torna-se o território onde alguma coisa da ordem do inconsciente pode encontrar forma.

Foi sobre esse objeto tão familiar à cena analítica e, ao mesmo tempo, tão pouco interrogado pela própria psicanálise que Lucas Krüger publicou, em 2023, *Por que o divã? Perspectivas de escuta e a poética da psicanálise, pela Blucher e Artes & Ecos*. O livro partia de uma pergunta aparentemente simples, contida já em seu título, para reconstruir a história de um dos objetos mais famosos da psicanálise e investigar o que diferentes modos de o conceber revelam sobre diferentes maneiras de escutar. Três anos depois, essa investigação ganha um novo capítulo. Em 2026, o livro atravessa a fronteira do português e

[*] Psicanalista e professor. Mestre pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro associado da Sigmund Freud Associação Psicanalítica (SIG) e diretor do Instituto SIG – Psicanálise & Política e do Instituto E Se Fosse Você?. Coordena o Grupo de Investigação Sándor Ferenczi na SIG e escreve com regularidade artigos de opinião sobre política, sociedade, cultura e psicanálise, publicados em veículos como Sul21 e Instituto Humanitas Unisinos (IHU), entre outros. Rio Grande do Sul, RS, Brasil. mrciocabral@gmail.com

chega ao público anglófono pela *Routledge*, publicado sob o título *The Psychoanalytic Couch: Listening Perspectives and the Poetics of Psychoanalysis*. A edição inglesa preserva a divisão fundamental da obra entre uma primeira parte dedicada às perspectivas de escuta e uma segunda voltada à poética da psicanálise, mas acrescenta, antes mesmo do prefácio, uma consideração do autor dirigida especificamente ao problema que a transcrição ao inglês produz.

A passagem poderia parecer apenas editorial: um livro brasileiro é traduzido e passa a circular em outra língua. Mas, neste caso, esse trabalho produz um problema curioso justamente no objeto em torno do qual toda a obra foi construída. Para chegar ao inglês, o divã precisa tornar-se *couch*. E *couch* não é exatamente *divã*. Em português, assim como no espanhol *diván* e no francês *divan*, a palavra preserva uma especificidade ligada à cena analítica que o inglês não conserva da mesma maneira. *Couch* também é o *sofá doméstico*. A diferença é suficientemente importante para que Krüger acrescente à edição inglesa uma nota dirigida a esse novo leitor. Sempre que encontrar *couch*, pede ele, convém recordar que no texto original a palavra era *divã*.

À primeira vista, o que somente seria uma dificuldade terminológica produzida pela tradução, torna visível, já em suas primeiras páginas, uma questão que atravessa toda a nova edição: o que acontece quando algo passa de um território a outro sem poder permanecer inteiramente igual? A dificuldade entre *divã* e *couch* não está à margem do livro. Ela oferece uma nova porta de entrada para compreendê-lo.

Uma das operações mais férteis de Krüger consiste justamente em seguir as viagens da palavra divã. Sua genealogia conduz ao persa *diwan*, que designou tanto uma coletânea de poemas quanto o espaço no qual questões importantes eram decididas. Por outro caminho, a mesma família etimológica chega à palavra *aduana*. O móvel sobre o qual alguém se deita para falar compartilha, assim, uma história com o lugar em que se controla a passagem entre territórios.

Daniel Kupermann percebe a potência dessa descoberta em "O divã imprevisível" (*The unpredictable couch*), prefácio à edição brasileira da obra, que acompanha também a nova edição em inglês[1]. Aqui ele acrescenta outra aproximação: *Übertragung*, a palavra empregada por Freud e traduzida como transferência, significa também transporte, transmissão, levar alguma coisa de

1. Todas as referências a Daniel Kupermann nesta resenha foram extraídas de "O divã imprevisível", prefácio à edição brasileira de *Por que o divã? Perspectiva de escuta e poética da psicanálise* (KRÜGER, 2023, p. 13-20). As traduções para o inglês são de responsabilidade do autor desta resenha.

um lugar a outro. O que parecia uma curiosidade filológica começa então a adquirir espessura clínica. O divã pode ser pensado como uma espécie de *aduana psíquica*, lugar de passagem no qual afetos, fantasmas, lembranças e formas de sofrimento são transportados entre tempos e entre psiquismos.

Há algo de *kismet* em um trabalho que precisa ele próprio passar por uma aduana para encontrar na fronteira uma das metáforas para pensar a experiência analítica. Entre *divã* e *couch*, alguma coisa se transporta, se transforma e alguma coisa não encontra equivalente perfeito. O livro torna-se, de certo modo, aquilo que teoriza.

A pergunta que o origina, entretanto, é muito concreta. Como um objeto tão reconhecível como símbolo da psicanálise pôde permanecer relativamente pouco interrogado pela própria teoria psicanalítica? O divã entrou na história do campo psicanalítico quase lateralmente. Freud o conservou como um remanescente do método hipnótico. Depois dele, gerações de analistas o incorporaram às suas salas de análise com a naturalidade de quem recebe um costume de família. O objeto se espalhou pelo mundo enquanto a reflexão sistemática sobre ele permaneceu surpreendentemente dispersa. Essa é a lacuna da qual Krüger parte.

Sob o título "*Listening perspectives*", Krüger realiza uma espécie de investigação arqueológica da história do famoso móvel presente no consultório do Dr. Freud desde antes mesmo da invenção da palavra psicanálise. Para tal, percorre diferentes tradições psicanalíticas procurando aquilo que cada uma delas fez do divã, inclusive quando quase nada disse explicitamente sobre ele. O método se aproxima do próprio método clínico. Uma frase lateral, uma indicação técnica, uma imagem quase casual podem ser tomadas a sério. Krüger lê a literatura psicanalítica prestando atenção não apenas ao que seus autores decidiram teorizar, mas também àquilo que deixaram aparecer quase sem perceber.

Desse percurso emerge uma multiplicidade de divãs. Há o divã reminiscência de Freud, o divã que acolhe a criança que permanece no adulto em Ferenczi, o divã corpo de Winnicott, o divã pele de Didier Anzieu, o divã como modelo do sonho em André Green, a privacidade do divã em Thomas Ogden, o divã evocativo de Christopher Bollas, o divã distante de Lacan, o divã em latência de René Roussillon, o divã embrionário de Bion e o divã dramatúrgico e neuropsíquico de James Grotstein.

Não se trata apenas de um catálogo engenhoso. Cada um desses adjetivos condensa uma teoria da escuta. O divã muda porque muda, em cada tradição, a concepção sobre o que acontece entre duas pessoas quando uma delas fala e a outra escuta. O livro põe em questão a própria ideia de que exista simples-

mente o divã psicanalítico. Existem divãs que falam diferentes dialetos da psicanálise. Antes mesmo que o analista faça qualquer escolha técnica consciente, há uma teoria do sujeito, do inconsciente e da cura inscrita na maneira como ele escuta.

É nesse ponto que a leitura proposta por Kupermann acrescenta uma questão decisiva. Se há diferentes divãs possíveis, existe também o risco de transformar um deles em medida para todos os outros. Ele recorre à imagem do divã de *Procusto* para pensar o dogmatismo que atravessou parte da história institucional da psicanálise. Como no mito grego, em que os corpos precisavam ajustar-se à cama, escolas e institutos podem produzir formas de formação nas quais é o analista que precisa ajustar sua experiência a uma linguagem previamente autorizada.

Kupermann evoca Michael Balint para lembrar que um dos grandes desafios da formação analítica é escapar da produção de obediência. Contra essa fabricação de analistas por molde, encontra no livro de Krüger uma proposição implícita: cada analista precisa constituir um *self* teórico-clínico, capaz de encontros e desencontros com os *selves* teórico-clínicos de outros analistas. A formação deixa então de significar a aquisição de uma língua oficial e passa a exigir uma apropriação suficientemente singular da tradição.

Isso modifica também o estatuto do próprio divã. Para que a psicanálise possa existir fora da sala tradicional, é necessário, de alguma maneira, introjetá-lo. Aproximando essa ideia do "enquadre interno" de André Green, Kupermann imagina um divã que pode ser levado para os diferentes lugares em que a escuta analítica seja convocada. Consultórios, hospitais, escolas, ruas e, depois da experiência da pandemia, também as telas. O divã torna-se móvel não porque sua materialidade tenha deixado de importar, mas porque aquilo que ele institui como posição de escuta pode sobreviver à ausência do móvel.

É uma inversão importante. O objeto mais imóvel do consultório passa a designar uma capacidade de deslocamento. E também é significativo, então, que a imagem escolhida por Krüger para pensar a experiência analítica não seja uma estrutura sólida, mas uma nuvem.

Na segunda parte, "*The poetics of psychoanalysis*", o livro muda de registro. A extensa pesquisa histórica e conceitual da primeira metade parece conceder ao autor uma nova liberdade. Kupermann percebe bem essa transformação quando contrapõe a escrita mais estudiosa da primeira parte à licença poética que se torna possível depois. A teoria acumulada não é abandonada. É metabolizada.

Surge então o "estado de nuvem". A expressão poderia soar apenas bela se não tivesse consequências clínicas bastante precisas. A nuvem é forma, mas

uma forma que não permanece idêntica a si mesma. Pode ser reconhecida sem ser fixada. Move-se enquanto a observamos. Krüger encontra aí uma imagem para aquele momento da sessão em que algo está acontecendo antes de poder ser inteiramente nomeado. Um afeto se constitui, uma lembrança toca outra, uma palavra adquire inesperadamente outro peso. Analista e analisante encontram-se diante de algo cuja forma ainda não terminou de se produzir. Qualquer interpretação apressada corre o risco de transformar prematuramente a nuvem em coisa.

Mas não convém romantizar a imagem. As nuvens de Krüger também escurecem. Há tempestades. O estado de nuvem não descreve uma sessão harmoniosa nem uma disponibilidade benevolente em que tudo pode flutuar indefinidamente. Trata-se antes da capacidade de suportar a instabilidade necessária para que alguma coisa ainda desconhecida possa adquirir forma.

É a partir dessa disponibilidade que se torna compreensível outra contribuição importante do livro, a ideia de regiões psíquicas. Krüger abandona a expectativa de uma pureza nosológica sem, com isso, abandonar o rigor clínico. Um mesmo sujeito, e às vezes uma mesma sessão, pode atravessar regiões de funcionamento distintas. Há momentos em que predominam conflitos reconhecíveis como neuróticos e outros em que aparecem modalidades de sofrimento que convocam outra escuta. O diagnóstico deixa de funcionar como endereço fixo para tornar-se também uma cartografia dos territórios pelos quais o sujeito pode circular.

Isso exige bastante do analista. Escutar em estado de nuvem significa resistir à tentação de decidir cedo demais onde se está. A roupagem simbólica, os diferentes papéis transferenciais e a tecelagem psíquica completam essa concepção. O analista não é uma superfície neutra sobre a qual o discurso do paciente simplesmente se deposita. Ele é afetado, recorta, liga, compõe e devolve. O trabalho analítico aparece então como uma produção realizada entre dois psiquismos, e não como a aplicação unilateral de um saber sobre um deles.

É nesse ponto que a nuvem e a aduana finalmente se encontram. Uma imagem privilegia a indeterminação das formas; a outra, sua passagem. Juntas, descrevem uma psicanálise que precisa criar condições para que alguma coisa possa se deslocar sem exigir de antemão aquilo em que deverá se transformar.

A edição inglesa pode, assim, ser tomada como um acontecimento interno ao argumento do livro, e não apenas como sinal de seu êxito editorial. Traduzir é transportar, mas nenhum transporte ocorre sem transformação. O próprio Krüger reconhece isso na nota que introduz a edição de 2026. O livro foi originalmente pensado e escrito em português, e parte de seus efeitos lin-

guísticos não pode ser simplesmente reproduzida em inglês. O exemplo maior é justamente o divã. A Routledge precisa chamá-lo de *couch*, mas o autor pede ao leitor que não esqueça a palavra que ficou do outro lado da tradução.

Há alguma coisa de profundamente psicanalítico nesse resto.

A tradução bem-sucedida não é aquela que apaga inteiramente a língua anterior. É aquela que permite que algo dela continue trabalhando na nova língua. *Couch* precisa carregar a memória de divã. Assim como aquilo que atravessa uma análise não chega ao outro lado intacto, mas também não deixa simplesmente de ter sido aquilo que foi.

Sob essa perspectiva, a publicação de *The Psychoanalytic Couch* adquire uma dimensão que ultrapassa o percurso individual do livro. A psicanálise brasileira construiu, ao longo de décadas, uma produção clínica e teórica extensa, atravessada por tradições distintas e por formas próprias de apropriação de Freud, Ferenczi, Klein, Winnicott, Lacan e tantos outros. Entretanto, parte importante dessa produção permanece circunscrita pela barreira da língua. A circulação internacional continua profundamente assimétrica. Pensamos e lemos muito do que se escreve em inglês e francês; o movimento contrário acontece com frequência muito menor.

A chegada do livro de Krüger à Routledge interessa também por isso. Não porque uma editora anglófona venha finalmente conferir legitimidade a uma obra brasileira, como se o reconhecimento precisasse necessariamente chegar de fora. O movimento interessante é outro. Uma elaboração produzida em português entra numa conversa internacional levando consigo o problema de ter sido pensada em português.

Isso faz diferença.

Na abertura de seu prefácio, Kupermann diz ter encontrado uma palavra para descrever sua experiência diante do livro: surpresa. Surpresa também é uma boa palavra para pensar o destino desse livro. Uma obra dedicada ao móvel aparentemente mais imóvel da história da psicanálise termina construindo uma teoria do movimento. O divã torna-se diwan, aduana, transferência, nuvem. Torna-se enquadre interno e pode abandonar o consultório. Finalmente, atravessa o Atlântico e precisa aprender a responder pelo nome de *couch*.

Mas alguma coisa resiste. Debaixo de *couch* continua escrito *divã*. A vitalidade de uma tradição também pode ser medida por isso: sua capacidade de atravessar fronteiras sem deixar de falar a partir do lugar de onde veio.

Referências

KRÜGER, L. *Por que o divã?* Perspectivas de escuta e a poética da psicanálise. São Paulo: Blucher, Artes & Ecos, 2023.

_____. *The Psychoanalytic Couch*: Listening Perspectives and the Poetics of Psychoanalysis. London/New York: Routledge, 2026.

KUPERMANN, D. "O divã imprevisível". In: KRÜGER, L. *Por que o divã?* Perspectivas de escuta e a poética da psicanálise. São Paulo: Blucher; Artes & Ecos, 2023.